

Introdução

Alexandre Palma | João Eleutério

Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa

Penso que se devem ensinar [aos filhos] não as pequenas virtudes,
mas as grandes.

Não a poupança, mas a generosidade e a indiferença ao dinheiro;
não a prudência, mas a coragem e o desprezo pelo perigo;
não a astúcia, mas a franqueza e o amor à verdade;
não a diplomacia, mas o amor ao próximo e a abnegação;
não o desejo do sucesso, mas o desejo de ser e de saber.

Natalia Ginzburg

A história da cultura progride também à maneira de um pêndulo. No desporto, como no pensamento, às vezes é preciso vir atrás para ganhar balanço e, assim, chegar mais longe. O que ficou para trás pode, neste constante ir e vir, mostrar-se uma força que nos lança mais além, para novas leituras em novos contextos. O que se desenha à nossa frente surge, assim, também como fruto de um movimento que começou muito antes e bem mais fundo. Vir atrás para poder seguir para diante parece, pois, um movimento fecundo para progresso humano.

Algo disto se passará, hoje, com o tema da virtude. Pelo menos essa intuição está na base deste esforço coletivo de pensar a virtude a partir e em vista da prática desportiva, abrindo, contudo, essa reflexão ao todo da vida. Não que a virtude tenha alguma vez estado suspensa. Sendo coisa vivida antes de ser coisa pensada, a virtude sempre foi e será sempre atual. Naquilo que ela é, coisa praticada, ela é mesmo de sempre e de cada dia. Todavia, a construção de uma visão humana baseada numa doutrina da virtude pareceu, em algumas fases da história da nossa cultura, coisa antiquada, demasiado devedora

a paradigmas antigos e clássicos, entretanto superados. Como no movimento do pêndulo, porém, parecemos chegar a uma hora em que, também para se repensar a atividade humana, se mostra estimulante ir um pouco atrás para se poder ir mais além. Não para se ensaiar uma mera repetição do que foi já dito acerca da virtude, mas para, neste balanço pendular, transportar a força dessa lição antiga para novas circunstâncias e abordagens. Uma vez mais: esta é intuição fundamental que inspira este *Breve Tratado das Virtudes Desportivas*.

Virtude remete-nos para ação. Ela é expressão de uma força que trazemos em nós, não tanto para pensar, mas sobretudo para agir. A passividade será mesmo o ambiente que torna a virtude impossível. Virtude e movimento estão, pois, em estreita relação. Virtude remete também para a excelência exercitada. Atenda-se ao uso comum que fazemos de termos dela derivados, como seja virtuoso. Este será alguém que atingiu, em algum grau, alguma competência ou aptidão. Ao dizer excelência na ação, virtude veio a mostrar-se um termo particularmente apto para a reflexão moral, ou seja, para o questionamento humano acerca da justiça e da bondade do seu agir. Muito embora, na sua origem, o termo não estivesse revestido desta carga moral, de facto, foi neste terreno que a virtude fez grande parte da sua carreira. Ela assumia, então, o papel de bússola para a prática do bem e para o encontro com a felicidade. Este entendimento da virtude, grandemente devedor de Aristóteles, assentava num relativo consenso do que fosse, efetivamente, o bem. Todavia, com o passar dos séculos, este consenso fragilizou-se e, em consequência, a lógica da virtude perdeu algum do seu fundamento e muito da sua eficácia.

Virtude remete ainda, e desde épocas imemoriais, para hábitos consolidados no tempo. Não há virtude senão como exercício, recorrentemente ensaiado de novo, ao ponto de ele se tornar algo conatural em nós. Uma vez mais e sem surpresa, aqui se desvela mais uma afinidade entre virtude e prática desportiva. Ambas requerem repetição, não mecânica, mas orgânica. O que se quer com a virtude, à semelhança do que sucede no desporto, é a espontaneidade numa prática que se julga boa. Aliás, a maestria que se subentende no virtuoso não se alcança de outra forma. Isto supõe trabalhar não apenas as suas manifestações exteriores, mas muito mais as disposições interiores. A competência no uso da força para agir é, então, apenas o lado visível da virtude. Mais fundo em nós é que ela verdadeiramente trabalha, moldando o nosso carácter e transformando o nosso ser.

Alasdair MacIntyre é um daqueles autores que reintroduziram o tema da virtude no debate filosófico contemporâneo. Ele procura restabelecer os fundamentos da moral voltando à ética da virtude. Para tal, Aristóteles é a sua referência. Como no pêndulo, trata-se de dar um passo atrás para poder dar dois em frente. Particularmente sugestivo é o título da sua obra mais relevante a este respeito: *After Virtue* (MacIntyre 2007 [1981]). Este título poderá ser interpretado como a descrição sintética (e crítica) de um tempo «pós-virtude», em que, no fundo, esse modo clássico de pensar o agir humano se acharia ultrapassado. Mas ele poderá também ser lido de uma forma mais prospetiva, como indicativo de algo que descreve não apenas este nosso tempo, mas mais profundamente o que nós próprios somos e fazemos: andamos «atrás da virtude».

Esta segunda possibilidade interpreta bem a relação entre virtude e prática desportiva que constitui o eixo deste *Breve Tratado*. Os desportistas andam literalmente «atrás da virtude». Com a sua atividade física, correm, saltam, nadam, treinam atrás da virtude, ora individualmente ora em equipa. Nesse exercício, educam a força dos seus atos e, porventura coisa ainda mais importante, aperfeiçoam a bondade das suas disposições interiores. Eis porque o universo dos desportos é, nas sociedades contemporâneas, um lugar onde a virtude está viva e se mostra atual. Ela é aí o que sempre foi: uma força, uma prática, uma luta, uma ação, uma conformação dos gestos, mas também do carácter. A virtude não é aí algo primeiramente pensado, mas sobretudo vivido e exercitado. Sobrevive, portanto, entre os desportistas algo de genuinamente virtuoso que importa relevar e refletir. É precisamente isto a que este *Breve Tratado* se propõe.

Assume-se aqui o universo do desporto como um laboratório da virtude num duplo sentido: como espelho e como *húmus*. Por um lado, reconhece-se que as *virtudes desportivas* são, em grande medida, expressão de virtudes reconhecidas por toda a sociedade e propostas a toda a sociedade. Naturalmente, essas mesmas virtudes tomarão no mundo dos desportos uma expressão característica e uma intensidade inabitual. Mas, ainda assim, elas exprimem formas de agir com significado para as mais diferentes áreas da vida. As *virtudes desportivas* não serão, assim, um exclusivo ou uma peculiaridade dos desportistas. Pelo contrário, os contextos desportivos são lugares de intensificação de algo que tem significado para todos os contextos sociais e para todos os indivíduos. Neste sentido, eles cumprem como que o serviço

público de dar visibilidade e publicidade a determinadas condutas virtuosas. As virtudes desportivas são aqui pensadas, portanto, como espelho das nossas sociedades e, por isso, um lugar ótimo para (re)conhecer estas mesmas sociedades. Por outro lado, os contextos desportivos promovem o desenvolvimento de novas formas de conduta virtuosa. A dinâmica das atividades desportivas, a ética do jogo, o compromisso de equipa, a superação de si próprio, a interação com adversários, a assunção das regras, tudo isto requer e promove a emergência de formas novas de virtude. Neste sentido, o mundo do desporto não é apenas recetor de virtudes propostas a partir de outros contextos, mas é também um solo fértil – *húmus* – para a sua recriação. É, precisamente, neste sentido que aqui se assume o desporto também como um catalisador da virtude nas sociedades contemporâneas, como um laboratório da sua adaptação a novas circunstâncias e tempos, com significado para outras áreas da vida humana.

Este *Breve Tratado* inspira-se em A. Comte-Sponville. Foi este quem, antes de nós, se propôs repensar a virtude em tempos «pós-virtude», fazendo-o à maneira de um pequeno léxico (Comte-Sponville 1995). Procurava assim pôr nas mãos do leitor um exercício simples, mas que despertasse para o tema. Até porque, como ele próprio afirma, «pensar as virtudes é medir a distância que nos separa delas» (1995, 12). Também Comte-Sponville, à semelhança da pensadora italiana Natalia Ginzburg (2015), dando particular atenção ao que chama «grandes virtudes» e surpreendendo-se por estas se lhe imporem em maior número do que ele inicialmente antecipava. Seguindo, pois, esta pista, o presente *Breve Tratado* quer estender este mesmo exercício ao laboratório das práticas desportivas. Que grandes virtudes se cultivam aí? Como se espelham nessas práticas o tesouro das virtudes da humanidade? Como se recriam aí novas possibilidades de excelência no agir e no ser? Que histórias desportivas documentam a virtude naquilo que ela é, coisa vivida?

Este *Breve Tratado* inspira-se, não em menor grau, no pensamento e obra de Manuel Sérgio. Tem sido este que, entre nós, de forma mais consequente tem desenvolvido uma hermenêutica humanística do desporto, com uma explícita preocupação ética. O ser humano todo diz-se na atividade física que pratica, porque ele é o seu corpo em movimento e porque o seu movimento é expressão de todo o seu ser. Para o gesto desportivo convergem o corpo, a mente, a vontade, a memória, o desejo, a intenção, a transcendência. Daí que a prática desportiva seja tanto atividade física quanto atividade mental,

cultural, social, política, religiosa, estética ou ética. Eis porque, na esteira do pensamento de Sérgio, se afigura necessária uma hermenêutica das *virtudes desportivas*.

Começámos por construir o nosso próprio catálogo de grandes *virtudes desportivas*. Vimo-nos confrontados com perplexidades semelhantes às testemunhadas por Comte-Sponville. Em primeiro lugar e desde logo, o seu número. Na verdade, o desporto é mesmo um terreno fértil para a virtude! Sempre se nos mostrou mais fácil acrescentar virtudes à lista do que conter o seu número num valor razoável. Neste difícil equilíbrio entre contenção e desmultiplicação, chegámos a uma síntese composta por 15 virtudes. Este será, como facilmente se compreende, um elenco meramente ilustrativo. Outras sínteses seriam possíveis. Em segundo lugar, debatemo-nos com a origem destas *virtudes desportivas*. Se algumas serão tão antigas quanto a própria reflexão sobre o tema outras serão novas ou, pelo menos, aparecem hoje renovadas. Assim, o mapa desta viagem pelas *virtudes desportivas* estende-se desde a Grécia antiga aos mais recentes palcos desportivos. Não se espante, pois, o leitor de encontrar lado-a-lado, por exemplo, prudência e *fair-play*, humor e justiça. Em terceiro lugar, antes de avançar pelo terreno de cada virtude em particular, havia que enquadrar e problematizar devidamente o tema. E, depois de o fazer, havia que voltar a unir as pontas, dando a este *Breve Tratado* um ponto de fuga, para que a reflexão aqui iniciada não se conclua com a sua última página. Por isso, a partida abre-se com um prelúdio de José Tolentino de Mendonça, desenvolve-se com um ensaio de Gonçalo M. Tavares e remata-se com o contributo de Manuel Sérgio. Porque a virtude também se dá a ver, Inês Espada Vieira propõe-nos um olhar sobre uma seleção de fotografias do Arquivo Histórico do Comité Olímpico de Portugal. Trata-se de um percurso autónomo, dentro do livro, que constrói uma narrativa visual sobre a virtude desportiva e, desse modo, singulariza este objeto editorial.

Quisemos que este *Breve Tratado* fosse, como em tantas práticas desportivas, um trabalho de equipa. Desde logo, ele foi pensado assim, num jogo que não apenas envolveu os organizadores mais diretos deste volume, mas os demais membros da coordenação da «Cátedra Manuel Sérgio – Desporto, Ética e Transcendência»: Alfredo Teixeira e José Lima. Para o realizar, convocámos autores diversos, na convicção de que a interpretação de realidades complexas beneficia da complementaridade dos olhares. Além disso, se o fenómeno desportivo é mesmo um fenómeno plenamente humano, ou seja, que implica

o ser humano no seu todo, então natural se torna que para o pensar se reúna o maior número possível de disciplinas peritas em humanidade. A diversidade fundamental, intencionalmente procurada, prende-se com o campo a partir do qual cada um destes colaboradores observa uma determinada «virtude desportiva». Assim, ao longo destas páginas, o leitor refletirá sobre as virtudes com filósofos e desportistas, economistas e escritores, engenheiros e poetas, teólogos e físicos, especialistas em relações internacionais e em desporto. A dar unidade a este mosaico está mesmo a virtude, o desporto, e o interesse que todos estes autores nutrem por ambos.

Há uma derradeira afinidade entre virtude e desporto que importa sinalizar. Ambos têm que ver, não tanto com o que se é e menos ainda com o que se tem, mas sobretudo com o tornar-se (Sérgio 2017, 82-83). É neste dinamismo que nos coloca o desporto e a virtude, no eterno desafio de nos irmos tornando cada vez mais nós próprios: seres humanos.

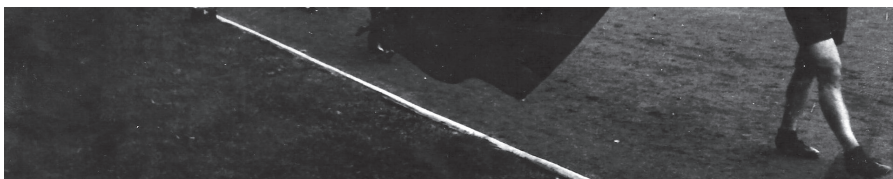
Bibliografia

Comte-Sponville, André. 1995. *Petit traité des grandes vertus*. Paris: PUF.

Ginzburg, Natalia. 2015. *Le piccole virtù*. Turim: Einaudi.

MacIntyre, Alasdair. 2007 [1981]. *After Virtue: A Study in Moral Theory*. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press.

Sérgio, Manuel. 2017. *Para um Desporto do Futuro*. Lisboa: Afrontamento.



FOTOGRAFIA 1



FOTOGRAFIA 2